

Redescobrimo a Psicanálise: pensando e sonhando, aprendendo e esquecendo

Resenha | OGDEN, Thomas H. **Rediscovering Psychoanalysis: thinking and dreaming, learning and forgetting.** New York: Routledge, 2008.

David Rosenfeld

Membro da Asociación Psicoanalítica
de Buenos Aires.

Susan Hale Rogers

Membro titular em função didática da
Asociación Psicoanalítica Argentina.

Thomas Ogden é um dos psicanalistas mais criativos do nosso tempo. Seu trabalho, seus artigos e livros estão entre os três mais citados em todo o mundo. Esse livro será objeto de estudo para muitos psicanalistas, psicólogos clínicos e psicoterapeutas, considerando-se que o revela como excelente professor. Ele repete seus conceitos centrais em pontos-chave – uma estratégia didática que induz os leitores a pensá-los e repensá-los em diversos contextos: análise, supervisão, ensino e escrita.

Ogden é muito honesto, como pessoa e psicanalista, quando descreve, algumas vezes falando, outras interpretando, o modo com o qual trabalha com o paciente em uma sessão. Ele nos ensina que “falar” está relacionado à livre associação ou aos devaneios – uma modalidade semelhante à “conversa durante o sonho”.

Esse é um conceito que deve ser esclarecido. Quando Ogden discute a “conversa durante o sonho”, ele insiste que se preste muita atenção ao quadro analítico e que a configuração nunca seja alterada. Ele também considera que é necessária muita experiência analítica antes de um analista engajar-se responsabilmente em “falar” com pacientes da maneira como nos demonstra. Ogden insiste que, para se participar de uma “conversa durante o sonho”, é essencial o estabelecimento sólido da diferen-

ça entre os papéis do analista e do paciente ao longo do processo. Caso contrário, o paciente seria privado do analista e da relação analítica de que necessita.

Um importante ponto em relação a esse assunto é que a introdução de Ogden à ideia da “conversa durante o sonho” não viola regra alguma da psicanálise nem cria qualquer outra nova regra. Ele nos mostra como é possível fazer um bom trabalho clínico com improvisações, as quais tomam forma no contexto do seu trabalho analítico com pacientes, em particular e sob “circunstâncias particulares”.

Ogden retorna à ideia básica de Sigmund Freud de que a prática da psicanálise é um esforço em inventá-la e repensá-la com cada paciente. É um processo de pensar e repensar, sonhar e re-sonhar, descobrir e redescobrir. O livro inteiro é uma jornada pelo trabalho de Ogden como um analista que redescobre a psicanálise em cada diálogo, sessão analítica ou teoria. “Redescobrimo a psicanálise” é um ato de liberdade de pensamento.

Ele fornece exemplos clínicos de sua própria experiência de redescobrir a psicanálise, o que inclui trabalho clínico com pacientes, a supervisão ou a leitura de textos de algum poeta. Ogden insiste que, às vezes, é necessário estar com um paciente de uma maneira particularmente distinta da qual estaríamos com qualquer outro paciente. Eventualmente, para descrever um material clínico ou uma teoria, Ogden faz alusão a grandes poetas, como Jorge Luis Borges: “Sonhos... perguntam-nos algo e nós não sabemos como responder, eles nos dão a resposta e nós ficamos estupefatos”.

Suas descrições clínicas nos mostram um analista que não é um dispositivo mecânico que repete *slogans* ou interpretações de livros. Ele nos mostra como é possível falar com um paciente: “Tente simplesmente falar com o paciente como uma pessoa que veio com a esperança e o medo de falar sobre o que há de mais perturbador em sua vida”.

O conceito de sonho, que se fundamenta na ideia de sonhar com outra pessoa ou sonhar ser outra pessoa, exerce um papel fundamental ao longo do livro. Na tradição de Bion, ele usa o termo *sonhar* para se referir ao trabalho psicológico inconsciente que alguém faz com a experiência

emocional de outro alguém. Uma importante influência nas teorias de Ogden é o livro de James Grotstein “Quem é o Sonhador que Sonha o Sonho”.

Para Ogden, “conversar durante o sonho” é uma improvisação na forma de uma conversa livremente estruturada sobre praticamente qualquer assunto, em que o analista participa do ato do paciente de sonhar sonhos anteriormente não sonhados. O analista facilita, neste processo, que o paciente sonhe a si mesmo com mais intensidade na existência. As teorias de Winnicott influenciaram profundamente todos os livros escritos por Ogden, uma vez que ele concorda com a preocupação emocional primária da mãe com o bebê, descrita tão lindamente por Winnicott.

As excelentes e sensíveis descrições e o uso técnico da contratransferência, de Harold Searles, como também alguns dos conceitos de Bion, são pontos centrais no trabalho de Ogden. Para Bion, o pensamento deriva basicamente da necessidade humana de saber a verdade acerca de quem somos nós e o que está acontecendo em nossas vidas. Pensamentos perturbadores, experiências não processadas, fornecem o ímpeto para que se desenvolva um aparato para pensar e fazer, com esses pensamentos, um trabalho psicológico. A estrutura inata interna para se fazer um trabalho psicológico com esses pensamentos é o que Bion chama de função psicanalítica da personalidade. Essa estrutura inata é análoga à profunda estrutura inata da linguagem, que confere nossa capacidade de aprender a falar.

Ogden percebe complementaridades teóricas em lugar de convergências. Ele considera que “tanto as perspectivas de Freud quanto as de Loewald são indispensáveis para uma compreensão psicanalítica contemporânea” do complexo de Édipo. Ele também acha “uma complementaridade” entre os pensamentos de Searles e de Bion que eu “descobri”, para minha surpresa, enquanto escrevia este capítulo. Aqui nós vemos como Ogden escreve com a mesma presença subjetiva com a qual trabalha como analista, quando relata sua experiência acerca do que está escrevendo: neste caso, sua experiência em Searles e Bion. Durante o processo, ele descobre o que está dentro do “contêiner” e volta para nos apresentar um Bion atual, um Searles novo. Ele revela a filosofia por trás de suas “leituras próximas”: “É minha tarefa re-concebê-la [a teoria] no mesmo ato em que a apresento”.

Por último, mas não menos importante, ele nos fala, enquanto encerra, “agora eu deixarei que o leitor sonhe este livro, para que sonhe meu sonho-pensamento, para que faça algo seu na experiência de ler”.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

David Rosenfeld
Bilinghurst 1451, 9º, A
1425 Buenos Aires – Argentina
e-mail: rosenfelddavid236@arnet.com.ar

Susan Hale Rogers
Migueletes 736, 8º “A”,
C1426BUH Buenos Aires – Argentina
e-mail: susanhrogers@yahoo.com.ar